

“ DA SCUDERIE LE COCQ A ASSOCIAÇÃO DE MÃES E FAMILIARES DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO: REPENSANDO RESISTÊNCIAS COTIDIANAS”

AUTORA: LUIZANE GUEDES MATEUS

CO-AUTORA: MARIA CECÍLIA BOLÇAS COIMBRA

AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

ENDEREÇO ELETRÔNICO: *luizaneguedes@terra.com.br*

INTRODUÇÃO

“Perguntaram-me se acredito em Deus. Respondi com versos de Chico: Saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto para o filho que já morreu. Qual é a mãe que mais ama?! A que arruma o quarto para o filho que vai voltar ou a que arruma o quarto para o filho que não vai voltar?! Sou um construtor de altares. Construo altares à beira de um abismo escuro e silencioso. Eu os construo com poesia e música. Os fogos que neles acendo iluminam o meu rosto e me aquecem. Mas o abismo permanece escuro e silencioso” Rubem Alves.

Novembro de 2008 - O corpo de Tiago Luiz Oliveira, torturado, queimado vivo e esquartejado é levado em caixão aberto pelas ruas de Vitória – ES. Um grupo de sessenta mulheres segue em um cortejo macabro, fazendo paradas na Assembléia Legislativa e no Ministério Público do referido estado. Quem são e o que buscam essas mulheres? Por onde começar, se são tantas e tão envolventes as histórias que atravessavam a vida de familiares de atingidos pela violência? Quem são as personagens dessas histórias?

Para não nos permearmos da “fala autorizada” daqueles que transformavam seus meninos e meninas barbaramente assassinados em “perigosos”, decidimos por nos sentarmos junto a eles, vivermos um pouco de suas vidas, ouvirmos histórias, contar nossas histórias, deixar-nos afetar pelos medos, desejos, anseios por justiça do que se configurava como a Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência do Espírito Santo - AMAFAVV.

Ao optar pela manutenção dessas histórias do dia-a-dia desses familiares e de seus entes, fomos guiadas por elas. O que têm trazido para nosso dia-a-dia de pesquisadoras, para aqueles que se apropriarem dessas linhas?! Emoções desconcertantes que se entrelaçaram entre familiares, movimentos sociais, “assassinos”, entre aqueles que circulam pelas ruas da cidade, que lêem diariamente as notícias sobre a violência no estado do Espírito Santo; possibilidade de caminhar por estradas sinuosas, nas quais as curvas reservam o imprevisto, o inusitado dos acontecimentos. Contar a história de mães, avós, tias, irmãs de jovens atingidos pela violência foi falar das ruas e vielas da cidade, do escuro, do perigo, da morte eminente, mas sobretudo, falar de maravilhosos contadores de histórias.

A Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência – AMAFAVV emergiu em 2001, a partir da necessidade de mães e familiares de vítimas de violência levarem ao conhecimento público o corporativismo nas instituições policiais em benefício de policiais envolvidos em grupos de extermínio no referido estado. Foi idealizada por um grupo de mães que passaram a reunir-se após o assassinato de Pedro Nacourt Filho, cometido por policiais militares na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

O tema (in)segurança pública no Espírito Santo vem tendo destaque local e nacional, estimulando estudos, provocando profundos movimentos na sociedade capixaba, dispositivos que tem incitado a emergência de outras formas de pensar e produzir análises acerca das políticas de segurança pública. Um desses movimentos é a AMAFAVV, que trás em sua trajetória histórias de dor e sofrimento, mas também a teimosia da vida que insiste em pulsar, em resistir, mesmo através de vidas que foram parcialmente esquecidas em estatísticas. Nossa proposta de trabalho busca apresentar a cartografia destes caminhos e descaminhos. Como bússola para este caminhar buscamos a problematização de três eixos, a saber: análise da emergência desse espaço, que institui formas de viver, existir, resistir. O segundo eixo se constrói à medida que percebemos que a emergência desses movimentos sociais trazem a ponta de um iceberg que se instalou no Brasil, e mais especificamente no Espírito Santo nas décadas de sessenta e setenta – os grupos de extermínio. E o terceiro eixo se constitui a partir de alguns conceitos forjados na realidade das famílias atingidas e que ousaram se articular contra a impunidade, como os conceitos de periculosidade e criminalidade, por vezes diretamente vinculados ao conceito de pobreza.

Propomo-nos a apresentar um percurso de histórias de resistências que se mesclam, se transversalizam e se apresentam como estratégias de luta contra a criminalização e extermínio.

1.0 - O INÍCIO DO TRABALHO...

Reunir pedaços de histórias, construir, inventar novas relações que pudessem de alguma forma, fazer emergir algo que fosse além da ‘ótica dos vencedores’. Esse foi o primeiro desafio. Foi preciso fracionar inteiros, desordenar fatos que pareciam mergulhados em silêncios, fatos estes que deveriam estar fora da memória histórica da cidade de Vitória. Mas, insistentemente, a cidade pulsa, e pulsando faz com que estes acontecimentos não caíam no esquecimento desmobilizante, mas que se tornem nítidos, causem incômodo...assim é a Associação, uma rede de relacionamentos intensos e potentes, rede esta construída pelos próprios familiares, e que nos abriu a possibilidade de desmontar alguns conceitos generalizados, como os conceitos de “família desestruturada”, de “violência generalizada” e de criminalização da pobreza.

Todos os encontros com o grupo tem nos revelado o inusitado dos acontecimentos...não marcamos encontros, mas vigílias; não nos reunimos, fazemos protestos com corpos, em caixão aberto, em frente a instituições como o Ministério Público e a Corregedoria da Polícia Militar. Assim é o dia-a-dia da pesquisa...entre entrevistas e bate-papos, fazemos pesquisa, militamos por outras formas de vida-invenção. Para tanto foi necessário apenas acompanhar o movimento de resistência, o fluxo de extrema intensidade.

A AMAFAVV é um misto de angústia, revolta, perplexidade, imobilismo diante dos crimes cometidos pelo Estado; mas também uma gama de sensações e desejos que movem, que se lançam em busca de afirmar a dignidade, a memória, e por vezes os corpos dos filhos, companheiros e parentes próximos assassinados e desaparecidos.

Foram até a presente data inúmeros encontros, desencontros e mortes. Percebemos que mais do que a busca por justiça, o dia-a-dia desses familiares vai mais além do que relembrar mortes. Manter seus entes vivos mostrou-se possível na memória daqueles que se aventuraram a acompanhá-los, mesmo depois de mortos; pais, mães, irmãos, companheiras (as) que guardaram sorrisos, momentos e memórias e que, por isso, se

reposicionaram no mundo, ousando se articular contra aquelas mortes e, de forma mais ampla, contra uma “política de segurança” que se pauta em um processo fragmentado, mas em crescimento e “autorizado”, de formação de grupos de extermínio daqueles considerados “perigosos”.

Contrários a política do esquecimento, estes familiares propõem que o silêncio seja quebrado e que esse processo de aniquilação que, em algum momento, atravessou suas vidas de forma violenta, seja lembrado, denunciado, combatido, e que as histórias desses “meninos jovens” possam ser afirmadas. São eles, que aliados a tantos outros, formam a AMAFAVV – Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência do Espírito Santo. São familiares que acreditam que as histórias de seus entes queridos não foram em vão, que estas vidas foram mais que sobrevidas; para isso trazem às ruas mais do que lembranças, mais do que sorrisos, trazem os corpos de seus entes despedaçados em caixão aberto, a história de suas mortes, de todo seu sofrimento e mazelas. Para o grupo, esta é a resistência de alguns que teimam em viver, mesmo mortos.

Não se busca aqui, descrever personalidades de mães e familiares que, em algum momento de suas vidas, foram bruscamente separados de seus filhos, maridos, irmãos, mas, como já mencionado, contar histórias. E é importante salientar que colher certos restos foi muito doloroso, mas enriquecedor para estas histórias. Restos de relações familiares atravessadas pela violência, restos de vidas singulares que, pelos usos e desusos, transformaram-se em resistência, restos de sensações e afetos que nos atravessaram no contato dia após dia com pessoas que transformaram sua história individualizada pelo Estado em estatísticas, em inúmeras histórias coletivas. Colar pedaços desse mundo foi uma série de achados e perdidos. Para além da história oficial, da história de heróis, da história de fatos excepcionais, encontramos uma história do dia-a-dia, das mazelas humanas. Através destas histórias, deste testemunho que persiste mesmo na morte, que a insistente violação de direitos, que por vezes mostra-se invencível, encontrará uma última linha de resistência.

2.0 - GRUPOS DE EXTERMÍNIO DA VIDA...MAS A VIDA PULSA!

Através de pesquisa documental, mas principalmente da coleta de dados junto aos familiares temos observado que, boa parte destas narrativas tem nos mostrado toda uma rede de relações obscuras entre as instituições policiais, rede que envolve o tráfico de entorpecentes e de armas, a formação de grupos de extermínio, a encomenda de mortes, mas principalmente crimes ligados ao chamado crime organizado do estado do Espírito Santo.

Um dos principais expoentes destes grupos de extermínio no Espírito Santo é a Scuderie Detetive Le Cocq, “sociedade civil sem fins lucrativos criada mediante registro civil em 24/10/1984, com finalidade social para bem servir a coletividade através do aperfeiçoamento moral, intelectual e profissional de seus membros” ZANOTELLI, 2002:117).

Trata-se de uma organização que se destinava ao assassinato de supostos delinquentes, e que, ao fim, sob a capa de impunidade, praticou os mais hediondos crimes. É uma associação que congrega, sobretudo, policiais civis e militares, aos quais vêm se agregar membros do Ministério Público, do Poder Judiciário e outras autoridades públicas, além de indivíduos da sociedade civil. De acordo com algumas entrevistas ela mostrou ser um sindicato do crime bem estruturado, contando com diversos departamentos,

tribunais de justiça internos, procuradorias, etc, tentando reproduzir, internamente, o aparelho estatal.” (Zanotelli, 2002:119)

Em face de diversas denúncias apresentadas contra a mesma, foi solicitada sua dissolução em 20/11/1995, porém existem fortes indícios da continuidade de suas ações, em especial no que tange aos inúmeros assassinatos de jovens, praticados por grupos conhecidos de policiais, civis e militares, assim como assassinatos misteriosos de juízes, representantes de movimentos sociais e líderes comunitários ocorridos no estado nos últimos anos.

Usando os mesmos métodos do passado, quando guerrilheiros eram perseguidos e assassinados (ou dados como desaparecidos), estes agentes do Estado, como no passado, forjam histórias, apresentadas tanto às corregedorias quanto à mídia, que produz e institui como verdade a história dos “vencedores”. Estas histórias, se analisadas através da versão dos vencedores, têm uma grande semelhança com os tiroteios do passado, em que as vítimas eram os guerrilheiros. A narrativa do histórico dos fatos tem, geralmente, a mesma seqüência. O PM desconfia de alguém na escuridão. O suspeito foge disparando a arma. O policial revida e atinge o suspeito. Socorrido, o ferido sempre morre a caminho do hospital. A condição de atingido e de agressor geralmente é invertida, o morto sempre é culpado por sua própria morte! Quando se refere a assassinatos de expoentes de renome, como no caso do Juiz Alexandre Filho, do Padre francês Gabriel Maire, ou da colunista social Maria Nilce, misteriosamente estes são vítimas de latrocínio – roubo seguido de morte. Curiosamente, todos eram atuantes no combate ao crime organizado no estado, assim como tantos outros assassinados nos últimos dez anos.

Na construção de seus repertórios de ação, movimentos sociais vêm se apropriando de experiências passadas, especialmente aquelas ligadas às lutas contra os regimes militares durante as ditaduras latino-americanas, para travarem suas lutas na atualidade, contra grupos como a Scuderie Detetive Le Cocq. Este é o caso da “Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência”, grupo de familiares cujos filhos, irmãos e maridos foram assassinados ou desaparecidos, atingidos, em sua maioria, por policiais integrantes desses grupos de extermínio.

Neste contexto vislumbramos como objetivo a análise da emergência da Associação, assim como a dimensão de práticas sistemáticas de extermínio e violação dos direitos humanos, praticados por grupos de extermínio no Espírito Santo. Problematizar a instituição Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência é pensar além de um espaço de mortificação, mas sim como espaço heterogêneo, palco de conflitos e campo de possibilidade de rupturas, de engendramento de alianças que permitam pensar as práticas e ações dos sujeitos ali atuantes.

Temos desenvolvido esta pesquisa utilizando ferramentas teórico-metodológicas que se expressam pela interrogação, pela dúvida e não aquelas que produzem a centralização no indivíduo. No nosso dia-a-dia de pesquisadoras não nos preocupamos em transmitir o “puro” acontecimento, mas buscamos incorporar os fatos à própria vida, deixando na pesquisa nosso traço; infinidade de luzes, cores, sons, histórias só se apresentam quando não mais vislumbramos a suposta neutralidade; se apresentam a quem busca rupturas, estranhamentos, a quem desconfia das certezas, dos territórios seguros e claramente demarcados, das verdades que teimam em calar tantas vozes, em aplacar tantas perguntas, em silenciar diferenças. Território de rupturas se faz no dia-a-dia da Associação de Mães e Familiares de Vítimas de Violência no Espírito Santo.

3.0 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007

COIMBRA. Cecília Maria Bouças. *Operação Rio: O Mito das Classes Perigosas. Um Estudo Sobre a Violência Urbana, a Mídia impressa e os Discursos de Segurança Pública*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2001.

ZANOTELLI. Cláudio. *A CPI do Narcotráfico e as Redes Criminosas no Território Brasileiro: Um Balanço Provisório do Caso do Espírito Santo*. Vitória: UFES, 2001.